

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: REFLEXÕES ACERCA DOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS A PARTIR DE VARIAÇÕES ENCONTRADAS NA MÚSICA “ZALUZEJO”^{259,260}

Ana Carolina de Deus (UEMS)

anacarol2@hotmail.com

Elza Sabino da Silva Bueno (UEMS)

elza@uems.br

Stela Fernandes Silva de Oliveira (UEMS)

stelafernandes2012@hotmail.com

RESUMO

A língua não é um sistema fechado, impossível de ser modificado; ela é heterogênea, daí as variedades linguísticas presentes no idioma. Assim ela apresenta variações no significado de uma palavra, na pronúncia e até na estrutura gramatical de sentenças. A variação linguística pode ser vista como um problema, principalmente quando se distancia da norma-padrão, o que pode gerar preconceito linguístico. Sendo assim, tivemos como objetivo valorizar as diversidades linguísticas, conscientizando sobre possíveis preconceitos, no sentido de mostrar a importância do estudo das variedades linguísticas, a partir da análise de fenômenos linguístico-gramaticais presentes na música “Zaluzejo” da trupe Teatro Mágico e as variações nela encontradas. Nesta pesquisa, buscamos trabalhar a concepção de variação linguística, em que a música “Zaluzejo” contribuiu para a compreensão desse fenômeno linguístico, que acontece devido a diversificação dos sistemas de uma língua. Analisamos os dados por meio da observação dos fatores internos e externos à língua, que influenciaram a fala dentro da música, em conjunto com o aparato teórico-metodológico variacionista laboviano (2008). Injustiças linguísticas e sociais são reproduzidas por meio da linguagem, entretanto, a língua está em constante mudança, e não há uma verdade absoluta sobre “certo” ou “errado”, em termos de linguagem, o que há são diversidades linguísticas e nenhuma é superior à outra e não devem ser silenciadas, uma vez que a língua é o instrumento do grupo que a utiliza como meio de comunicação e interação social.

Palavras-chave:

Língua. Preconceito linguístico. Variedades linguísticas.

RESUMEN

La lengua no es un sistema cerrado, imposible de ser modificado, es heterogénea, y por ese motivo hay variedades lingüísticas dentro de un mismo idioma. Ella puede variar en el significado de una palabra, en la pronunciación y incluso en la estructura

²⁵⁹ A Música faz parte do álbum “Entrada par Raros”, pertence ao grupo musical Teatro Mágico, que foi formado em 2003 pelo próprio vocalista, Fernando Anitelli.

²⁶⁰ Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsas (PIBAP/UEMS) pela concessão de bolsa de estudo.

gramatical de las oraciones producidas. La variación lingüística muchas veces es vista como un problema, visto que algunas de las variedades están más alejadas de la norma estándar y esta visión genera intolerancia lingüística. Siendo así, tuvimos como objetivo valorar las diversidades lingüísticas, sensibilizando sobre los prejuicios lingüísticos, con el fin de mostrar la importancia de estudiar las variedades lingüísticas, a través del análisis de la música “Zaluzejo” y las variaciones que se encuentran en ella. En esta investigación buscamos trabajar con el concepto de variación lingüística, en que la música “Zaluzejo” contribuyó para la comprensión de este fenómeno lingüístico, que ocurre debido a la diversificación de los sistemas de una lengua. Analizamos los datos por medio de la observación de factores internos y externos al lenguaje, que influyeron en el discurso dentro de la música, en conjunto con el aparato teórico-metodológico variacionista laboviano. Las injusticias lingüísticas y sociales son reproducidas a través del lenguaje, sin embargo, la lengua cambia constantemente, y no hay una verdad absoluta sobre lo “correcto” o “incorrecto”, principalmente en la lengua, lo que existe son diversidades lingüísticas y ninguna es superior a la otra, y no deben ser silenciado.

Palabras clave:

Lengua. Prejuicio lingüístico. Variedades lingüísticas.

1. Introdução

O falante, para se comunicar com mais precisão, vê a necessidade de inovar, e a língua, por ser uma instituição viva, nos dá liberdade e flexibilidade para seu uso. As línguas se modificam com o passar dos tempos, e continuarão se modificando, essa mudança é um processo natural, que acontece para atender às necessidades do falante. Isso tem feito com que nossa língua avance, ampliando o seu léxico que é a parte da língua que está mais exposta e mais sujeita a sofrer influências de fatores sejam lingüísticos ou extralingüísticos.

Entretanto, ainda há intolerância lingüística, que se dá pela marginalização das variantes lingüísticas e pelo preconceito que surge do pensamento equivocado de que a língua tem um padrão a ser seguido, tanto na fala como na escrita, e qualquer modo de falar que se distancie dessa norma ou desse padrão, é considerado erro. Todavia é importante a existência de uma norma, para que sirva como ferramenta para nortear os falantes, e não como um fator de exclusão, marginalização e ridicularização da fala de alguns grupos socialmente menos privilegiados.

Nas escolas brasileiras a variação da língua ensinada formalmente é a padrão, colocada acima das demais diversidades lingüísticas, desconsiderando, muitas vezes, a variedade que o aluno leva para o ambiente escolar. Assim, um lugar de deveria incluir e instruir o aluno sobre tais conceitos, acaba por excluí-lo, apontando o que é “certo” ou “errado”, e

não que a língua é heterogênea, com uma multiplicidade de fala, mesmo entre os falantes de uma mesma língua.

Objetiva-se com esta pesquisa valorizar as diversidades linguísticas, no sentido de conscientizar sobre o preconceito linguístico. Mostrar a importância do estudo de variedades linguísticas para o ensino, como forma de desmistificar o conceito de “erro”. Analisar a música “Zaluzejo” e as variações encontradas nela, para apreciar a importância das variedades linguísticas que não são prestigiadas, mas que são usadas na comunicação informal pelos falantes.

A justificativa para o desenvolvimento dessa pesquisa se dá por acreditarmos que todas as variedades linguísticas devem ser respeitadas, já que a língua é viva e passa por um processo constante de evolução linguística, seja do ponto de vista fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico. Assim, a variação linguística é um dos fenômenos responsável pelas transformações da língua, pois conforme Carvalho (1984, p. 14) “as necessidades coletivas, mutáveis e conflitantes moldam hoje a língua de amanhã, pois o que parece alteração na língua é resultado de alterações na sociedade, passadas a seguir para o sistema linguístico”, ou seja, as variedades linguísticas fazem parte do processo evolutivo da sociedade e nenhuma deve ser ignorada ou desrespeitada e cabe à escola ensinar a língua padrão (Cf. POSSENTI, 1996) sem menosprezar a variedade linguística que o aluno traz do seu meio social, no sentido de orientá-lo para que ele possa usar uma ou outra variedade, de acordo com as circunstâncias em que se encontre (Cf. LEMLE, 1978).

No presente estudo buscamos trabalhar com a concepção de variação linguística, em que podemos aferir que a música “Zaluzejo” contribui para a compreensão desse fenômeno linguístico, que acontece devido a diversificação dos sistemas de uma língua. Analisamos os dados por meio da observação dos fatores internos e externos à língua, que influenciaram a fala dentro da música, em conjunto com o aparato teórico-metodológico variacionista laboviano.

Para uma melhor visualização, este trabalho está subdividido em cinco partes distintas, em que a primeira trata da introdução. A segunda, da fundamentação teórica que embasa o estudo, subdividida em: sociolinguística, variação linguística, preconceito linguístico e variação linguística na escola. A terceira traz a metodologia utilizada na pesquisa. A quarta retrata a variação linguística na música Zaluzejo, em que consiste a análise dos dados. Na quinta, as considerações finais a que se chegou

com o estudo, além das referências bibliográficas que embasaram a pesquisa.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Sociolinguística: um breve panorama histórico

Saussure (2006) [1916] pensava a língua como um fenômeno social não pertencendo aos indivíduos, porém o interesse dele não era na relação entre língua e sociedade, mas sim na estrutura interna da língua. Ao deixar de lado essa relação, Saussure procurava uma língua estável. Chomsky também acreditava em uma língua inata, porém o interesse dele era no próprio falante. O estruturalismo se baseou nesta teoria, mas esqueceu de considerar a parte social da língua. A língua idealizada por eles nunca existiu, pois ela está em constante mudança, para atender às necessidades reais dos falantes no processo da comunicação e da interação linguística.

A sociolinguística apropriou-se de uma teoria inversa, o próprio nome já fala por si, ela é denominada desta forma por estudar a língua como um fenômeno social. O linguista, Antoine Meillet (1866–1936), defendeu que a língua é de caráter social. Discípulo de Saussure, Meillet acreditava que ao separar a variação linguística do contexto externo, Saussure estava negando a própria realidade. Contradizendo a dicotomia de Saussure, Meillet associa a linguística externa com a interna.

Basil Bernstein, especialista em sociologia da educação, foi o primeiro a considerar que diferentes grupos se comunicam de formas distintas. O linguista William Bright, observou que não existe um “caos” linguístico; segundo ele, a diversidade linguística não é livre, mas relacionada à sistematização, de acordo com o contexto e a identidade social do falante e do ouvinte. O linguista William Labov retomou as ideias de Meillet, afirmando que o objeto de estudo da sociolinguística é a estrutura e evolução da linguagem no contexto social que é formado pela comunidade linguística, caso o contexto social não fosse importante, seria somente *linguística* e não *sociolinguística*.

Labov (2008) [1972] é iniciador do modelo teórico-metodológico da sociolinguística variacionista, estudando a estrutura da língua dentro do contexto social, a partir das variações fonológicas e sintáticas, defen-

dendo uma língua homogênea, diferente da língua padrão. Os estudos acerca deste tema foram importantes, pois a partir deles foi aprofundada a teoria laboviana, que se estende com novas pesquisas até os tempos atuais, destinadas a interpretar e descrever as relações entre a língua e a sociedade.

O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p. 21)

A Sociolinguística é uma teoria concentrada nos aspectos externos à língua, abrangendo além da linguagem outras diversas disciplinas, como a sociologia, psicologia, história, entre outras. Permitindo, assim, novos resultados a respeito das mudanças linguísticas. Com tais pesquisas é possível observar que a heterogeneidade é parte do sistema linguístico, sendo as variações responsáveis por mudanças na língua.

2.2. Variação linguística

A língua é o meio de comunicação que constitui a sociedade e, por meio dela, cada indivíduo pode transmitir seus conhecimentos, costumes, pensamentos, ideias, sentimentos entre outras coisas. Todas as línguas se modificaram com o passar dos tempos, e continuarão se modificando, essa mudança é um processo natural, que acontece para atender às necessidades do falante no processo da comunicação linguística. Não há como o falante ignorá-las nem é possível realizá-las ao seu bel prazer já que a variação é um fato inerente a todas as línguas vivas e em processo de transformação (Cf. BUENO; SILVA, 2012).

Dentro de uma mesma língua acontecem todos os tipos de variações, podendo variar o significado de uma palavra, a pronúncia e até mesmo a estrutura gramatical das sentenças produzidas, já que todo falante interage e se comunica por meio de um sistema abstrato escolhido e compartilhado pela comunidade linguística da qual faz parte. As variações acontecem devido à região onde vive o falante, à sua faixa etária, ao gênero, ao nível de escolaridade, ao *status* social, ao contexto em que se encontra o falante, etc.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se fa-

lando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998, p. 29)

A língua não é um sistema fechado, algo pronto e acabado, isso só acontecerá se um dia ela deixar de ser usada, já que ela se modifica devido ao seu uso. A variação linguística não deve ser vista como um problema, e sim como um fenômeno natural da língua, importante para a constituição social de cada indivíduo, que deve ser apresentada de tal forma para que não haja preconceito com as comunidades de fala que estão mais distantes da norma-padrão, sendo marginalizadas por não usarem uma linguagem que é vista, socialmente, como de prestígio.

No que diz respeito à heterogeneidade e instabilidade da língua, afirma Bagno (2007) que a grande maioria das pessoas preferem pensar a a língua como algo já pronto, que o autor compara com uma ponte firme e sólida, feita de concreto, mas que na realidade o seu estado é como das águas de um rio, sempre em movimento, agitadas e que nunca param.

De acordo com a afirmação Bakhtin (1988 [1929] *apud* COELHO *et al.*, 2010, p. 16) o uso das palavras são e serão “conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra”, e essas variedades de uso ocorrem porque é impossível controlar tal fenômeno, o que torna a língua diversificada, de caráter heterogêneo.

Bagno (2007b, p. 39) aponta que “a variação ocorre em todos os níveis da língua”, que são as variações fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical e estilístico-pragmática. Sendo assim, a variação sociolinguística pode ser compreendida pela variação diatópica (geográfica), diastrática (classes sociais), diamésica (meio pelo qual a língua é transmitida), diafásica (adaptação da fala ao contexto) e diacrônica (histórica).

As pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade geralmente sofrem muito preconceito pelo seu modo de falar, pois a linguagem que utilizam geralmente está distante da norma culta “padronizadora”. Então há um conflito entre os grupos sociais, em que alguns dos que fazem parte

de grupos que têm elevado grau de escolaridade e mais poderes aquisitivos se consideram superiores aos outros grupos sociais que possuem baixa renda e pouco estudo, taxando a linguagem desses como sendo errada, sem se dar conta que também utilizam variações em suas falas.

2.3. Preconceito linguístico

As pessoas são preconcebidas socialmente, e na língua não é diferente, os valores sociais também são concebidos através dela, atribuindo estereótipos levando à correção social, isso acontece por algumas pessoas pensarem que o falar “correto” é utilizando a norma padrão, considerando que o falar de prestígio é o de pessoas de classe social alta e com alto nível de escolaridade. O monolingüismo é uma ficção, pois não existe falante de uma língua homogênea, única e sem variedades.

Com isso, quero deixar claro que a norma-padrão *não faz parte da língua*, isto é, não é um modo de falar autêntico, não é uma variedade do português brasileiro contemporâneo. Ela só aparece, e ainda assim nunca integralmente obedecida, em textos escritos com alto monitoramento estilístico. (BAGNO, 2007c, p. 13)

O português ensinado rigidamente nas escolas é o ensino da gramática normativa, que são as regras da norma-padrão, sendo assim, tudo o que difere desta é considerado com um “erro” (Cf. TRAVAGLIA, 2006), banindo qualquer outro tipo de variação e ignorando a identidade social do falante, o que leva ao preconceito linguístico. Em defesa de uma língua de prestígio ocorre a injustiça social, menosprezando a pessoa por conta do seu modo de falar, pois a língua é um instrumento de poder, neste caso, oprimindo o falante.

As atitudes opressivas, conforme ressalta Scherre (2005), ocorrem sem respaldo linguístico, fazendo associações, no que diz respeito ao domínio de certas formas linguísticas, entre belo e feio, elegante e deslegante, inteligente e burro. E essas comparações cruéis, propagam o preconceito linguístico, resultando cada vez mais na exclusão de grupos linguísticos.

Não deve ser esquecido que a própria língua padrão também é heterogênea e variável. O que é considerado como “certo” nos tempos atuais, um dia foi considerado como “errado”. Um exemplo é o pronome pessoal “você”, pois houve uma determinada época que a maneira “correta”, de acordo com a norma padrão, era “vossamercê”, mas a língua é viva e está em constante mudança.

De uma perspectiva estritamente linguística, não se justificam julgamentos de valor, uma vez que a faculdade da linguagem é inata e comum a toda a espécie humana. As diferenças existentes entre as línguas representam apenas formas de atualização distintas dessa faculdade universal. (LEITE; CALLOU, 2002, p. 6)

Ninguém nasce falando a língua culta, não se aprende as regras gramaticais antes de entrar na escola. A língua materna faz parte da identidade do falante, é a sua essência, e para o combate ao preconceito linguístico, sua valorização e desestigmatização são fundamentais.

Todas as vozes devem ser ouvidas e jamais silenciadas. O silenciamento acontece com falantes que utilizam as variantes não-padrão, variantes que foram adquiridas durante sua trajetória de vida. Qualquer tipo de preconceito deve ser combatido, inclusive o linguístico, para o falante poder expressar sua identidade sem medo de ser oprimido.

2.4. Variação linguística na escola

Todas as pessoas fazem parte de pelo menos uma comunidade linguística, sendo assim, o aluno ao entrar na escola já conhece uma variedade da língua, que é a que ele usa no seu círculo de amizades. Entretanto, dependendo da variável que utiliza, sofrerá preconceito, pois é comum que a forma padrão, apresentada pela gramática tradicional, seja tomada como modelo de correção, correspondendo à variedade linguística de prestígio, fazendo com que alguns considerem inferior ou errada toda variedade não padrão

Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. Desse modo, não pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções. (BRASIL, 1998, p. 82)

Os alunos devem ser orientados sobre as variedades linguísticas, para não agirem de maneira preconceituosa, de forma que compreendam qual o momento adequado de utilizar uma ou outra variedade linguística. A língua é um conjunto de variações, ela não é homogênea, não devendo ser desprezado qualquer tipo de variedade linguística usada. Na escola a norma-padrão é ensinada aos alunos, é nesse ambiente que eles também devem aprender a respeitar as variedades linguísticas e culturais.

Conforme apontado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais,

Brasil (1998), o estudo da variação deve estar sempre presente nas atividades de língua portuguesa, para que o aluno compreenda que as variedades linguísticas são propriedades da história e da cultura da humanidade.

De acordo com Bagno (2007) é o professor de Língua Portuguesa que tem o trabalho de reeducar sociolinguisticamente os alunos. Aproveitando o tempo que passa com eles para formar cidadãos conscientes da complexidade da dinâmica social e das escalas de valores empregados a todo tempo por nós em nossas relações com as outras pessoas, por meio da linguagem. O ensino tradicional da língua deseja que as pessoas falem a todo momento de acordo com a norma padrão, da mesma forma como escreveram grandes escritores, excluindo as variações e despreza a língua oral.

Para Bagno (2007), a Gramática Tradicional é um instrumento intelectual de caráter autoritário em relação à língua, necessitando de uma nova visão da norma padrão, de modo a aproximá-la mais da realidade linguística. O referido estudioso acredita que o ensino deve ser voltado para o conhecimento das variedades linguísticas para ser mais inclusivo, de modo que todos os falantes se sintam aceitos e respeitados, e não ridicularizados por causa do seu modo de falar, de agir e de se comportar.

3. Metodologia

No decurso desta pesquisa, a princípio, tivemos como aporte teórico obras como *Sociolinguística: uma introdução crítica*, Calvet (2002) em que é apresentada uma introdução crítica à teoria sociolinguística, mas não se restringindo apenas à teoria, e sim lidando contra a discriminação no modo de fala das pessoas.

Na mesma ideologia, outros teóricos defendem a heterogeneidade da língua, contra o que é considerado “erro” por ser diferente da norma padrão, gerando preconceito, não só linguístico, mas também social. As diferentes formas linguísticas são denominadas por variantes, coexistindo em um mesmo período e até em um mesmo espaço.

Os desvios linguísticos considerados pejorativos são muito comuns em pessoas com baixa escolaridade e de classe social baixa. A música “Zaluzejo”, da trupe Teatro Mágico, objeto de nosso estudo, é um interessante material de análise para a sociolinguística, suas marcas sociais e culturais expressam diversos tipos de desvios linguísticos que fazem

parte não só da fala de Josilene²⁶¹, mas também da identidade de muitos falantes. Vale salientar que na letra há uma militância contra os “representantes da norma culta”, vinda do narrador, ressaltando a importância de não ignorar as diversas formas linguísticas.

A fala natural dentro da música é a narrativa pessoal do falante, e isso tornou a pesquisa uma mina de ouro, pois não há interferência externa, o falante estava na sua situação natural de comunicação. E assim, sendo possível realizar o levantamento das marcas de oralidade, analisando o seu uso, os efeitos de sentido que se dão, para entender os padrões que são definidos no tripé: língua, cultura e sociedade.

Desta forma, a análise dos dados foi realizada a partir da observação dos fatores internos e externos à língua, que influenciaram a fala dentro da música, juntamente com o aparato teórico-metodológico variacionista laboviano.

4. Variação linguística na música Zaluzejo

A música denominada como “Zaluzejo” foi escrita pelo cantor e compositor Fernando Anitelli, criador da trupe Teatro Mágico. Em uma crônica de sua autoria, Fernando diz que compôs a letra em homenagem à Josilene Raimunda da Silva, que trabalhou em sua casa como empregada doméstica e, através dos diálogos entre os dois, ele notou uma maneira “diferente” de Josilene falar, já que ela utiliza uma variedade que não é o padrão estabelecido para o uso da língua portuguesa. Variedade esta, que geralmente é muito utilizada por pessoas pertencentes a classe social menos favorecida, refletindo a pouca escolaridade ou nenhum acesso à escola.

Por meio da música, Fernando quis expressar a sua opinião a respeito deste falar, então ele inicia ressaltando que a maneira de falar de Josilene, a torna uma poetisa, pois segundo ele, ela faz o que os poetas deveriam fazer, reinventar palavras. As variações dentro da música são construções da fala de muitas pessoas que são julgadas por ter um falar “errado” e menos prestigiado. A fala de Josilene é reproduzida na introdução da música através de sua voz gravada em um áudio transcrito da seguinte forma:

²⁶¹ Josilene Raimunda da Silva trabalhou como empregada doméstica em casa de Fernando Anitelli, compositor da música em análise.

Ah eu tenho fé em Deus... né? / Tudo que eu peço ele me ouci... né? / Ai quan'o eu to com algum problema eu digo:/ Meu Deus! me ajuda que eu to com esse problema! / Ai eu peço muito a Deus... aí eu fecho meus olhos... né? / E Deus me ouci na hora que eu peço pra ele, né? / Eu desejo ir embora um dia pra Recife/ não vou porque tenho medo de avião, de terror...de terrorista/ ai eu tenho medo né? / Corra tudo bem... se Deus quiser... (TEATRO MÁGICO, 2003)

Deste trecho destacamos algumas palavras que apresentam variação:

- *Né*: “não é”, contração do advérbio não com o verbo ser conjugado na terceira pessoa do presente do indicativo, sendo assim uma variação morfológica.
- *Ouci*: variação que vem do verbo ouvir, conjugado na terceira pessoa do presente do subjuntivo, “ouça”, sendo então uma variação morfológica.
- *Quan'o*: abreviação da palavra “quando”, sendo uma variação fonético-fonológica, pelo modo de pronunciar a palavra.
- *Problema*: rotacismo, substituição o “r” pelo “l”, por isso é uma variação fonético-fonológica.
- *Terrorista*: variação fonético-fonológica da palavra terrorista.
- *To*: abreviação de estou, conjugação do verbo estar, é uma variação fonético-fonológica, pois há queda do som inicial da palavra.

A maioria das variações encontradas na música são de natureza fonético-fonológica, como: “Pra chegar na bioténica, rua de parelepídico/ Pra ligar da doroviária, telefone cedular/ Pigilógico, tauba, cera lítica, su-critcho / Graxite, vrido, zaluzejo.” (TEATRO MÁGICO, 2003 – grifo nosso), que são palavra geralmente usadas por pessoas de baixa condição social.

Na fala de Josilene há variações da língua não-padrão que são mais comuns na língua oral do que na escrita. Qualquer pessoa que fale a língua portuguesa consegue compreender o que é dito, mas por muitos é considerado “erro”, geralmente pelos ditos letrados que veem a língua como homogênea e que nela não pode ocorrer alterações. Neutralizando as variações, por acreditar que a única língua de prestígio é a padrão.

Ao desconsiderar que a língua é homogênea, as variações estão sendo ocultadas e assim ocorre o preconceito linguístico, priorizando al-

gumas formas de falar e desvalorizando outras. Segundo Scherre (2005), a fala é representação da identidade do falante, expressando sua cultura, e através dela pode haver preconceito não só linguístico, mas também social.

É possível observar que há uma construção de crenças passadas de geração para geração, assim como na fala. O quinto trecho contém as seguintes crenças: “tomar banho depois que passar roupa mata” e “olhar no espelho depois que almoça entorta a boca”. Com a transcrição da fala é possível perceber a riqueza da cultura e da linguagem de Josilene. Essas convenções expostas demonstram que a fala é transpassada pelos fatores cultural e social, caracterizando a identidade do falante. E assim como na fala, as convenções sofrem alterações na cultura com o passar dos anos.

No refrão da música são apresentadas algumas variações não-padrão na fala de Josilene, como *pigilógico*, *tauba*, *cera lítica*, *sucritcho*, *graxite*, *vrido*, *zaluzejo*, com a afirmativa, ao final, dizendo que ela “não sabe falar”. Ao se comunicar, geralmente é reforçado o meio social ao qual o falante pertence. Josilene acredita não saber falar, por conta da crença que é baseada em que a única língua digna e prestigiada é a padrão, ensinada nas escolas e tudo aquilo que difere dela é considerado “feito”, “um falar errado”, pois ela pertence à classe menos favorecida da sociedade e não tem acesso à educação, tornando assim, sua fala de menor prestígio.

Entretanto, esta é uma visão preconceituosa, que ela reproduz, supostamente por já ter ouvido alguém falar. Não existe alguém que fale o português padrão o tempo todo, e que não utilize nenhum tipo de variação. O grau de monitoramento da fala depende dos recursos comunicativos que o falante adquiriu. Sobre “certo” e “errado”, contribui Bagno:

Se dizer *Cráudia*, *praca*, *pranta* é considerado “errado”, e, por outro lado, dizer *frouxo*, *escravo*, *branco*, *praga* é considerado “certo”, isso se deve simplesmente a uma questão que não é linguística, mas social e política - as pessoas que dizem *Cráudia*, *praca*, *pranta* pertencem a camadas sociais desprestigiadas, marginalizadas, excluídas, que não têm acesso à educação formal e aos bens culturais da elite. (BAGNO, 2007a, p. 66)

O trecho que marca a opinião de Fernando Anitelli, a qual é compartilhada pelos sociolinguístas, ressalta a importância de combater o preconceito linguístico, pois ele fala em *viver o que diz*, fazendo uma crítica direta aos ditos letrados que desconsideram as variedades não padrão: “Mas quando alguém te disser tá errado ou errada/ Que não vai s na

cebola e não vai s em feliz/ Que o x pode ter som de z e o ch pode ter som de x/ acredito que errado é aquele que fala correto e não vive o que diz” (TEATRO MÁGICO, 2003).

Os falantes considerados “cultos” ignoram o fato de que os fenômenos variáveis não estão apenas na língua não padrão, isso ocorre pelo fato de suas variantes serem prestigiadas. Os “representantes da língua” vivem de aparência para mostrarem que estão “corretos” e são “superiores” por falarem “corretamente”, enquanto isso, Josilene vive o que diz, demonstrando em sua fala sua verdadeira essência, sua origem e identidade. A fala dela vem de sua cultura, de sua criação e se caso ela mudasse a maneira que fala, ela estaria mudando quem ela realmente é, estaria mudando a sua essência.

5. Considerações finais

O objetivo desta pesquisa, no campo sociolinguístico variacionista, foi de conscientizar a valorização das diversidades linguísticas e combater o preconceito linguístico, particularmente na música “Zaluzejo” da trupe Teatro Mágico, na qual é realizada a representação da fala de uma doméstica, que possui seu dialeto rotulado como “errado” por ser considerado de menor prestígio social. Dialeto que está presente na comunicação de muitas pessoas que têm a fala silenciada e são discriminadas social e linguisticamente.

Em defesa a uma língua padronizada considerada “certa” injustiças ocorrem, enaltecendo alguns falares e desprezando outros. Essa desvalorização tem início dentro da sala de aula, pois o falante não nasce sabendo a norma culta, por isso, torna-se reprodutor da desigualdade ao concentrar-se apenas na língua padrão e esquecer as diversidades linguísticas que fazem parte da identidade do falante, causando opressão e preconceito.

Para demonstrar que a língua é heterogênea e está sujeita a variações, realizamos um percurso pelas teorias sociolinguísticas labovianas, que consideram que a língua possui formas distintas de comunicação, coexistindo em um mesmo espaço. A língua é viva, por isso, nenhuma consideração sobre “certo” ou “errado” é absoluta, pois tudo é relativo quando se trata de língua.

A essência do falante é a língua materna, e sua valorização é essencial no sentido de combater o preconceito linguístico, evitando as in-

justiças sociais reproduzidas por pessoas intolerantes que se consideram melhores do que as outras e utilizam a linguagem como instrumento de discriminação social. A fala é a identidade do falante, representando sua cultura e essência. Todas as vozes devem ter a oportunidade de serem faladas e ouvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007a.

_____. *A língua de Eulália*: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2007b.

_____. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007c.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Secretaria de educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUENO, Elza Sabino da Silva; SILVA, Rosângela Villa da. Contribuições da pesquisa sociolinguística ao ensino da língua portuguesa no Brasil. *Edição atual – Anais do SIELP*, v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

CALVET, Louis Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. Título original: *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEITE, Yonne. CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LEMLE, Miriam. *Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa*. Rio de Janeiro: ao Livro Técnico, 1978.

POSSENTI, Sírio. *Por (não) ensinar gramática na escola*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle*. São Paulo: Parábola, 2005.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TEATRO MÁGICO. *Zaluzejo*. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/o-teatro-magico/361403/>. Acesso em: 13 jul. 2021

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*, 14. ed. São Paulo: Cortez, 2006.